



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 17 de Setembro de 1980

O desejo, redução internacional do horizonte da mente e do coração

1. Durante a última reflexão perguntámo-nos o que é o «desejo», de que falava Cristo no Sermão da Montanha (*Mt 5, 27-28*). Recordemo-nos que Ele, falando assim, se referia ao mandamento «Não cometerás adultério». O mesmo «desejar» (precisamente: «olhar para desejar») é definido como «adultério cometido no coração». Isto dá muito que pensar. Nas precedentes reflexões dissemos ter querido Cristo, ao exprimir-se daquele modo, indicar aos seus ouvintes o apartamento do significado esponsal do corpo, apartamento experimentado pelo homem (no caso, o varão), quando dá largas à concupiscência da carne com o acto interior do «desejo». O apartamento do significado esponsal do corpo inclui ao mesmo tempo um conflito com a sua dignidade de pessoa: um autêntico conflito de consciência.

A esta altura manifesta-se que o significado bíblico (portanto também teológico) do «desejo» é diverso do puramente psicológico. O psicólogo descreverá o «desejo» como intensa orientação para o objecto, por causa do seu peculiar valor: no caso aqui considerado, pelo seu valor «sexual». Quanto parece, encontraremos tal definição na maior parte das obras dedicadas a semelhantes temas. Todavia, a descrição bíblica, mesmo sem desvalorizar o aspecto psicológico, põe em relevo sobretudo o ético, uma vez que há um valor que é lesado. O «desejo» é, diria, o engano do coração humano quanto à perene chamada do homem e da mulher — chamada que foi revelada no mistério mesmo da criação — à comunhão através de um dom recíproco. Assim, pois, quando Cristo no Sermão da Montanha (*Mt 5, 27-28*) faz referência «ao coração» ou ao homem interior, as suas palavras não deixam de estar carregadas daquela verdade acerca do «princípio», com a qual, respondendo aos fariseus (cf. *Mt 19, 8*), Ele relacionara todo o problema do homem, da mulher e do matrimónio.

2. A perene chamada, de que procurámos fazer a análise seguindo o Livro do Génesis (sobretudo *Gén. 2, 23-25*) e, em certo sentido, a perene atracção recíproca da parte do homem para a feminilidade e da parte da mulher para a masculinidade, é convite por meio do corpo, mas *não é o desejo* no sentido das palavras de Mateus 5, 27-28. O «desejo», como actuação da concupiscência da carne (mesmo e sobretudo no acto puramente interior), diminui o significado do que eram — e substancialmente não deixam de ser — aquele convite e aquela recíproca atracção. O eterno «feminino» («das ewig weibliche»), assim como aliás, o eterno «masculino», mesmo no plano da historicidade tende a libertar-se da pura concupiscência, e procura um lugar de afirmação ao nível próprio do mundo das pessoas. Dá disso testemunho aquela vergonha original, de que fala Génesis 3. A dimensão da intencionalidade dos pensamentos e dos corações constitui um dos principais filões da universal cultura humana. As palavras de Cristo no Sermão da Montanha confirmam precisamente tal dimensão.

3. Apesar disto, estas palavras exprimem claramente que o «desejo» faz parte da realidade do coração humano. Quando afirmamos que o «desejo», quanto à original atracção recíproca da masculinidade e da feminilidade, representa uma «redução», temos na mente uma «redução» *intencional*, quase uma restrição ou fechamento do horizonte do espírito e do coração. Uma coisa, de facto, é ter consciência de que o valor do sexo faz parte de toda a riqueza de valores, com que ao varão aparece o ser feminino; e outra coisa é «reduzir» toda a riqueza pessoal da feminilidade àquele único valor, isto é, ao sexo, como objecto idóneo à satisfação da própria sexualidade. O mesmo raciocínio se pode fazer quanto ao que é a masculinidade para a mulher, se bem que as palavras de Mateus 5, 27-28 se refiram directamente só à outra relação. A «redução» intencional é, como se vê, de natureza sobretudo axiológica. Por um lado, a eterna atracção do homem para a feminilidade (cf. *Gén 2, 23*) liberta nele — ou talvez, deveria libertar — uma gama de desejos espirituais-carnais de natureza sobretudo pessoal e «de comunhão» (cf. a análise do «princípio»), aos quais corresponde uma proporcional hierarquia de valores. Por outra parte, o «desejo» *limita* tal gama, *ofuscando* a hierarquia dos valores que masca a atracção perene da masculinidade e da feminilidade.

4. O desejo faz que no interior, isto é, no «coração», no horizonte interior do homem e da mulher, se ofusque o significado do corpo, próprio da pessoa. A feminilidade cessa deste modo de ser para a masculinidade sobretudo sujeito; deixa de ser, uma específica linguagem do espírito; perde o carácter de sinal. Cessa, diria, de trazer sobre si o estupendo significado esponsal do corpo. Cessa de estar colocado no contexto da consciência e da experiência de tal significado. O «desejo» que nasce da mesma concupiscência da carne, desde o primeiro momento da existência no interior do homem — da existência no seu «coração» — passa em certo sentido ao lado de tal contexto (poder-se-ia dizer, com uma imagem, que passa sobre as ruínas do significado esponsal do corpo e de todos os seus elementos subjectivos), e em virtude da própria intencionalidade axiológica tende directamente para um fim exclusivo: *para satisfazer só a necessidade sexual do corpo, como próprio objecto*.

Tal redução intencional e axiológica pode verificar-se, segundo as palavras de Cristo (Mt. 5, 27-28), já no âmbito do «olhar» ou, antes, no âmbito de um acto puramente interior expresso pelo olhar. O olhar, em si mesmo, é acto cognoscitivo. Quando na sua estrutura interior entra a concupiscência, o olhar toma carácter de «conhecimento desejoso». A expressão bíblica «Olha para desejar» pode indicar quer um acto cognoscitivo, de que se serve o homem desejando (isto é, conferindo-lhe o carácter próprio do desejo tendente para um objecto), quer um acto cognoscitivo que desperta o desejo no outro sujeito e sobretudo na sua vontade e no seu «coração». Como se vê, é possível atribuir uma interpretação intencional a um acto interior, tendo presente um ou outro pólo da psicologia do homem: o conhecimento ou o desejo entendido como *appetitus*. (O *appetitus* é alguma coisa mais ampla que o «desejo», porque indica tudo o que se manifesta no sujeito como «aspiração», e como tal orienta-se sempre para um fim, isto é, para um objecto conhecido sob o aspecto do valor). Todavia, uma adequada interpretação das palavras de Mateus 5, 27-28 requer que — *através da intencionalidade própria do conhecimento ou do «appetitus»* — avistemos alguma coisa mais, isto é, a *intencionalidade da existência mesma do homem em relação com o outro homem*; no nosso caso: do homem em relação com a mulher e da mulher em relação com o homem.

A este assunto convir-nos-á voltar. Concluindo a reflexão de hoje, é necessário ainda acrescentar que naquele «desejo», no «olhar para desejar», de que trata o Sermão da Montanha, a mulher, para o homem que «olha» assim, deixa de existir como sujeito da eterna atracção e começa a ser apenas objecto de concupiscência carnal. A isto está ligado o profundo desprendimento interno do significado sponsal do corpo, de que falámos já na precedente reflexão.

Saudações

A dois grupos de língua alemã

Desejo dirigir uma especial saudação a dois grupos muito numerosos.

Em primeiro lugar dou as boas-vindas aos Peregrinos de Tréveros. Encontra-se convosco o vosso benemérito Pastor que governou a diocese durante treze anos com sabedoria e magnanimidade; e continua a governá-la por expresso desejo meu, enquanto não se encontra outra pessoa para ser eleita e nomeada para o ministério episcopal.

Forma o segundo grupo a peregrinação a Roma das mulheres da Acção Católica da diocese de Munique. Depois de terdes meditado e rezado num lugar de tantas graças como Lourdes, visitais aqui os túmulos de Pedro e Paulo, e fazeis a experiência da pluralidade dentro da unidade, da Igreja universal, de modo muito impressionante.

Exorto os dois grupos a que aproveitem desta peregrinação para revigorar a fé e renovar a alegria de pertencerem à Igreja de Jesus Cristo.

Aos Membros do grupo musical japonês "Cultural Association from Osaka"

É para mim um grande prazer saudar hoje os membros da "Japanese Cultural Association from Osaka". Viestes para dar outra prova do amor que o povo Japonês tem sempre tido através da história, pela arte e a sua expressão musical. Mediante a música o coração eleva-se até ao Criador de todas as coisas, e por isso não é para admirar que a música tenha sido alimentada e promovida nos templos do vosso país. Obrigado pela vossa visita e Deus abençoe o Japão inteiro.

A um grupo de sacerdotes de Lugo (Espanha)

Saúdo com afecto o grupo de sacerdotes da Diocese de Lugo (Espanha), que celebram este ano o 25º aniversário de Ordenação sacerdotal, e que vieram em peregrinação a Roma, acompanhados pelas respectivas famílias, pelos discípulos e amigos, a fim de testemunharem a própria fidelidade a Cristo, à Igreja e ao Sucessor de Pedro.

Ao unir-me a vós na acção de graças ao Senhor pelos frutos do vosso ministério sacerdotal, convido-vos a perseverardes na missão de edificar a Igreja de Cristo em perfeita comunhão com o Bispo e a Comunidade eclesial.

Invocando sobre vós e sobre o Povo de Deus, que vos foi confiado, a constante assistência divina, concedo-vos de coração a Bênção Apostólica.

Aos peregrinos de Adria (Itália)

Dirijo agora uma saudação de bons votos aos participantes na peregrinação da diocese de Adria-Rovigo, que se encontram aqui presentes em grande número, acompanhados pelo seu Bispo.

Caríssimos filhos, uma só palavra que valha por todas as que tenho no coração para vós, e que é esta: sabeis encontrar na Igreja, que vos educa para os valores do espírito e vos assiste no vosso caminho de fé, a força que torne a vossa vida boa, activa e alegre. Sirva-vos para isso de ajuda a especial Bênção que de boa vontade vos concedo assim como a todos os que vos são queridos.

Aos "Gruppi di Preghiera di Padre Pio"

Desejo saudar Com muita cordialidade os "Gruppi di Preghiera di Padre Pio", que nestes dias se encontram reunidos em Roma para o seu Congresso Internacional.

Para vós, caríssimos irmãos e irmãs, vai o meu apreço pela vossa presença, por meio da qual pretendeis reafirmar uma sólida fé em Cristo, uma filial devoção a Nossa Senhora, uma leal fidelidade à Igreja, ao Papa e aos Bispos, e reiterar também o empenho da vossa conversão interior, da oração, da penitência e da caridade operosa para com os irmãos necessitados.

Ao saudar-vos, saúdo também os representantes do "Collegamento Mariano Nazionale" e todos os outros Grupos marianos aqui presentes. Exorto-vos a que vos empenheis numa piedade mariana cada vez mais profunda e autêntica, e abençoo-vos de coração e as vossas famílias.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana